

EUA querem neutralizar pressões dos endividados

FLAVIO DE ALMEIDA SALLES

Repórter da Sucursal de Brasília

Os Estados Unidos ainda não estão sensibilizados para os problemas da dívida externa do Brasil e dos outros latino-americanos, e no momento em que isso ocorrer decorrerão outros 10 anos até que se tenha uma solução para tais questões.

Este ponto de vista foi apresentado por diplomatas norte-americanos no decorrer da semana, em Brasília, como forma de se neutralizar as gestões desenvolvidas por Brasil, Argentina, Colômbia, Equador, México, Peru e Venezuela no sentido de uma renegociação política da dívida externa da América Latina.

Os argumentos dos diplomatas norte-americanos são de que o problema do endividamento externo apenas começou a ser discutido a nível internacional. Ele será, com certeza, o grande desafio da década de 1.980, superando até mesmo as disputas em torno do conflito Leste-Oeste. Mas até agora não surgiu nenhuma fórmula capaz de solucionar o problema. O que se conhece são sugestões que, na verdade, acabam criando novas dificuldades para os devedores.

Neste sentido, os diplomatas norte-americanos acreditam que o governo brasileiro não embarcará na "canoa furada" da decretação da moratória. Ao contrário, dizem, os governantes

brasileiros devem saber que a moratória é uma medida ilusória que, além de não remover os obstáculos existentes, pode criar novos problemas para o País.

Reconhecem, no entanto, que as ações externas adotadas em conjunto com outros países do continente trazem, em si mesmas, uma grande repercussão favorável no contexto da política interna brasileira; por isso mesmo, consideram que tal posicionamento ajuda a desviar as atenções para a própria impossibilidade de se conseguirem melhores resultados nas negociações junto aos banqueiros internacionais.

De qualquer maneira, o tema do endividamento ainda não foi colocado em profundidade nos centros de decisão dos Estados Unidos. Ele apenas foi aflorado nos editoriais de publicações como o "Washington Post" e "New York Times", mas isso não significa que a dívida latino-americana seja item prioritário nas preocupações oficiais de Washington neste momento.

Até agora continuam prevalecendo as diretrizes fixadas há algumas semanas, quando se afirmou que as taxas de juros do mercado norte-americano cairão no segundo semestre, aliviando, dessa forma, as preocupações mais imediatas dos governos latino-americanos.